

ONU pode suspender envio de observadores

O REPRESENTANTE das Nações Unidas em Moçambique, Aldo Ajello, afirmou ontem que vai ser "forçado" a pedir a esta organização que suspenda o envio de observadores militares para o país porque os pontos de acantonamento e desmobilização não estão todos identificados e supervisionados.

Numa conferência de imprensa realizada ontem no quartel-general da operação Onumoz, Ajello exortou o Governo moçambicano e a Renamo a ultrapassarem a "desconfiança", de forma a acelerar o processo de envio das equipas da ONU para o país. As forças armadas da Renamo e do Governo esperam ser enviadas para esses pontos, cujos primeiros 12 foram abertos em Janeiro. Supervisionados pela ONU, foram criados como zonas de trânsito onde os soldados são desmobilizados ou permanecem até à incorporação no exército unificado. Mas revelaram-se impraticáveis, não só pela falta generalizada de água no país como por se encontrarem em zonas de acesso arriscado devido aos terrenos minados.

Nos próximos dias devem chegar a Maputo 60 observadores internacionais, um número ainda longe dos 354 previstos pelas Nações Unidas, apesar do aviso de Ajello. Por outro lado, o envio de capacetes azuis, cujo primeiro contingente de 1200 militares italianos era esperado hoje, foi adiado por alguns dias devido

a problemas técnicos no barco que os transporta, explicou.

Em Moçambique estão já cerca de 20 oficiais italianos que, na Beira, coordenam os preparativos para a criação de um corredor estratégico entre esta cidade portuária e o Zimbábue.

O atraso na operação, ainda que de dias, levanta "problemas", afirmou o comandante da operação militar da ONU em Moçambique, o general brasileiro Lélcio Gonçalves da Silva, que chegou ontem à Beira onde inspeccionou os preparativos para a chegada dos capacetes azuis. "Os observadores internacionais estão preparados para começar a trabalhar e este atraso foi frustrante", afirmou. Lélcio da Silva explicou que o dispositivo previsto pela ONU está quase montado. "Tudo depende agora das duas partes e nós não estamos aqui para impor nada".

Ajello explicou que agora trata-se de resolver um "problema de base", isto é, criar um clima de "confiança" entre Governo e a oposição armada que "continuam a não comunicar, o que não é saudável". A presença em Maputo do líder da Renamo, Afonso Dhlakama, facilitaria o processo de aproximação. "Dhlakama podia avistar-se directamente com o Presidente Chissano e acelerar as coisas", sublinhou Ajello, que divulgou a instauração de um inquérito para apurar os responsáveis pelas seis violações ao cessar-fogo já registadas. ■